

O campo pedagógico no Brasil no final do século XIX: lugares, pessoas e instituições na construção de uma nova sociedade

ANA LÚCIA CUNHA FERNANDES¹

Este trabalho tem como objetivo apresentar os personagens envolvidos na produção de um periódico educacional destinado aos professores publicado no Brasil no final do século XIX: a *Revista Pedagógica* (1890 – 1896). Insere-se na linha dos estudos que têm enfatizado o potencial da Imprensa Periódica Educacional como fonte e como objeto especialmente relevantes para a história da produção, difusão, apropriação e circulação de conhecimentos em educação e baseia-se numa parte da tese de doutoramento (Fernandes, 2012) que se centrou no estudo de revistas pedagógicas publicadas no Brasil e em Portugal em dois períodos distintos: o último quartel do século XIX e os anos 20 e 30 do século XX. A tese defendeu que as revistas analisadas desempenharam um papel fundamental tanto na produção quanto na circulação de saberes (teorias, bem como modelos, práticas, experiências, etc.) ligados à educação e, conseqüentemente, na progressiva institucionalização do campo pedagógico, por meio da produção de um discurso educacional cada vez mais especializado.

Para além da análise de conteúdo e das condições de produção daqueles periódicos, apresentadas em outros trabalhos, interessa expor as relações que a publicação estabeleceu com as outras infra-estruturas organizacionais da esfera educativa através dos personagens envolvidos na sua produção, ou seja, por meio das diversas ocupações e/ou atividades desenvolvidas por eles para além da sua participação no periódico. Foi então necessário recorrer a outras fontes, bem como a dicionários biográficos, a fim de se identificar o conjunto de organizações com as quais a *Revista Pedagógica* se relacionou por via dos seus colaboradores. O argumento que sustentou tal opção refere-se ao entendimento de que, pela análise dessas fontes diversificadas, algumas redes se tornam evidentes e nos devolvem para um amplo conjunto de lugares, pessoas e instituições que estão na origem da construção do discurso pedagógico. A publicação surge então como espaço de confluência de diferentes setores interessados na instrução, constituindo um ponto de confluência de discursos e

¹ Faculdade de Educação – UFRJ. Doutora em Ciências Humanas – Educação (PUC-Rio) e em Ciências da Educação (Universidade de Lisboa)

organizações empenhadas na definição das coisas educativas, com base em registros diversos: científicos, políticos, culturais, administrativos, etc.

Nessa perspectiva, dá-se destaque à atuação dos personagens envolvidos na produção do periódico, com base na análise das relações estabelecidas por seus produtores e colaboradores com outras instâncias, relacionando-os às redes por intermédio das quais se pode esboçar a configuração do campo pedagógico no período em tela.

Compartilhando a concepção de que a realidade é social e culturalmente constituída (Burke, 1992), faz sentido pensar que a História da Educação possa fornecer novas compreensões das práticas discursivas no interior do espaço social ocupado pelos atores educativos. O trabalho procura evidenciar, por um lado, diferentes núcleos de personagens que participaram na produção das revistas: os responsáveis pelas publicações, os autores, os colaboradores, percebendo-os como grupos que possuíam uma maneira de ver o mundo com base em determinados valores que ajudaram a estruturar a vida social, cultural e política, e que evidenciavam ao mesmo tempo a crise das antigas representações e o novo estado do campo intelectual.

Por outro lado, foram consideradas as ligações estabelecidas entre indivíduos e instituições a fim de mapear a configuração na qual se deu a construção do discurso pedagógico e a estruturação do campo educativo em termos de pessoas e redes, bem como de relações estabelecidas pelos personagens das redes locais com o contexto internacional, evidenciadas por meio de diferentes formas de interlocução com o exterior, tais como missões ao estrangeiro, visitas de estudo, participação em congressos internacionais, presença nas exposições universais, circulação de livros e periódicos.

Emergência do conhecimento pedagógico

No Brasil, a *Revista Pedagógica* fez parte do projeto de educação nacional posto em prática a partir da implantação da República, em 1889. Inserir-se numa das finalidades (no caso, a publicação de uma revista) do *Pedagogium* – Museu Escolar do Distrito Federal, órgão criado em 1890, no âmbito da reforma educacional realizada por Benjamin Constant. Tal Museu havia sido criado com o objetivo de contribuir para o avanço da instrução, o qual deveria se

constituir em lugar de referência, à semelhança do que já ocorria em outros países, encarados como mais avançados e, por isso, modelos a serem seguidos. Publicada entre 1890 e 1896, não teve uma periodicidade regular, sendo mensal no início de seu ciclo de vida, irregular em alguns anos e trimestral já mais para o fim de sua existência. De formato 20 x 15 cm e com número de páginas variável ao longo do tempo, era publicada por Editores Alves & Cia, sendo vendida de forma avulsa e por assinatura. Joaquim José Menezes Vieira, diretor do *Pedagogium*, foi seu principal dinamizador, tendo sido o autor dos editoriais e também de diversos artigos.

Em linhas gerais, a Revista era composta por seções que variaram ao longo de sua existência, sendo que algumas delas tiveram uma irregular ou mesmo breve existência. As mais constantes foram: *Parte Oficial*, onde eram apresentados decretos, atos oficiais, nomeações, licenças, jubilações, exonerações, regulamentos etc.; *Pedagogia*, onde eram publicadas “memórias de pedagogia”; *Chronica do Exterior*, dedicada ao que se passava fora do país (notícias sobre publicações, modelos de escolas, projetos de lei, estatísticas, programas, despesas com ensino, congressos, etc.); e ainda a *Chronica do Interior*, na qual eram publicadas notícias relativas a acontecimentos ocorridos no próprio país.

Foi possível identificar no grupo dos colaboradores nomes como os de Felisberto de Carvalho, José Veríssimo, João Kopke, Presciliano Leal, Maximino Maciel e Alfredo Alexander que parecem ser os que efetivamente contribuíram para a Revista com textos de sua própria autoria e que poderiam ser identificados como efetivos autores/produtores/colaboradores, configurando o núcleo de produção da Revista. Além desses, foi considerado na mesma situação Olavo Freire, conservador do *Pedagogium*, Menezes Vieira que aparece como o principal impulsionador da publicação e uma espécie de editor, além de Alambary Luz, Valentim Magalhaes, Arthur de Sá, Manoel Frazão e Luiz Augusto dos Reis.

Os personagens²

² Não é objetivo deste trabalho apresentar biografias propriamente ditas dos personagens mencionados, mas tão-somente destacar aspectos biográficos que ajudem a traçar os seus itinerários intelectuais. Para a elaboração destas notas biográficas foram utilizados o *Dicionário de educadores no Brasil* (Fávero e Britto, 2002), a *Enciclopédia Brasileira. Biblioteca de Obras Subsidiárias. Índice de Biobibliografia Brasileira* (1963), o

Joaquim José **Menezes Vieira** (1848-1897) foi o editor da *Revista Pedagógica* e parece ter sido o principal dinamizador da publicação, a julgar pelos editoriais (alguns assinados por ele, outros sem assinatura, mas escritos na primeira pessoa ou ainda com a sigla M V). Com base nos dados retirados do *Dicionário de educadores no Brasil*, tem-se uma noção da sua trajetória que pode servir para iluminar algumas das questões que se quer aqui destacar. Tendo nascido em São Luiz do Maranhão, veio para o Rio de Janeiro onde cursou medicina entre 1868 e 1873. Em 1875 fundou o Colégio Menezes Vieira, exclusivo para meninos, sendo seu diretor e estabelecendo o ensino primário segundo as ideias de Mme Pape-Carpantier, além de ser discípulo de Pestalozzi, Froebel e Girard. Foi também o criador do primeiro Jardim de Infância do país e incentivou a adoção do ensino intuitivo. Nessa condição, escreveu o primeiro manual para esse nível de ensino (1882), bem como uma extensa e variada lista de publicações didáticas³.

Parece ter sido um homem atento à dimensão internacional, realizando viagens à Europa (1882, 1888, 1889) para visitar os principais centros educativos em França, Itália, Bélgica, Alemanha e Suíça. Não será desprovido de propósito pensar que o espaço concedido ao estrangeiro na *Revista Pedagógica* possa ter sido resultado da visão do seu editor.

Enviou trabalhos realizados no seu Colégio a diversas Exposições, tais como a Exposição Universal de Buenos Aires, em 1882, e a da Antuérpia, em 1883; a Exposição Internacional de Higiene e Educação, em Londres, em 1884, e também a Exposição Universal de Paris, em 1889. Pertenceu a algumas associações, tais como a Sociedade Amantes da Instrução, a Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional (1883-1889), a Sociedade Liga do Ensino (1883-1884) e a Associação Promotora da Instrução do Rio de Janeiro.

Outro personagem que parece ter tido um papel relevante na produção da *Revista Pedagógica* é **Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho**, até porque veio a ocupar o cargo de secretário do *Pedagogium* quando este foi criado, tendo assumido em algumas ocasiões a direção da instituição. Publicou textos relativamente longos na Revista, em esquema de continuação, como *Notícia histórica da instrução primária na capital federal* e *O ensino da Gramática na escola primária*. Num dos textos aparece identificado como subdiretor secretário do

Dicionário bio-bibliográfico sergipano (Guaraná, 1925) e o *Dicionário bibliográfico brasileiro* (Blake, 1900).

³ Sobre a vida, a obra e as realizações de Menezes Vieira, além do *Dicionário*, consultar BASTOS, 2002.

Pedagogium. Outras passagens da Revista dão a conhecer ter sido ele adjunto da cadeira de Pedagogia na Escola Normal da Corte e autor de um tratado sobre Metodologia. O Dicionário de Augusto Blake apresenta-o, em 1900, como professor público, habilitado pela Escola Normal, professor adjunto da cadeira de Pedagogia da mesma instituição e membro do Conselho da Instrução da Capital Federal.

A produção da Revista esteve ligada à estrutura do *Pedagogium*, o que pode ser deduzido pelo fato de Menezes Vieira acumular o cargo de diretor da Instituição e de editor da Revista, bem como de Felisberto de Carvalho atuar como secretário da mesma Instituição e de ter assinado vários dos artigos publicados na Revista, colaborando mais de perto na sua produção.

Olavo Freire da Silva (1869-1941) poder-se-ia enquadrar em situação semelhante. Foi nomeado conservador do *Pedagogium* no seu decreto de criação. Ao longo das páginas da *Revista Pedagógica*, aqui e ali aparecem referências ao seu trabalho na manutenção do Museu, tendo-se também a impressão de que a garantia do seu funcionamento (em termos de visitas, utilização dos espaços, etc.) dependia bastante da sua ação. Parece ter sido uma peça importante no funcionamento do *Pedagogium*. Há várias referências elogiosas a respeito do cuidado e empenho com que lidava com o acervo. Também assina um artigo na Revista. Em 1894, esta publica uma nota a seu respeito: a Escola Normal Livre convidara-o para assumir a aula de trabalhos manuais, mas ele havia declinado por ser subdiretor secretário interino do *Pedagogium*.

Formado em humanidades no Colégio Menezes Vieira, estudou na Escola Politécnica até o 2º ano. Foi professor de trabalhos manuais da Escola Normal da Capital Federal (1889) e, de 1890 em diante, mestre da mesma disciplina na casa de São José. Escreveu *Método para o ensino de desenho elementar* (1892), *Geometria prática* (1895), *Curso de caligrafia* (1896) e *Corografia do Brasil*, obra adotada na Escola Normal do Rio de Janeiro e de São Paulo e no Ginásio Nacional, além de confeccionar mapas escolares (Blake, 1900).

José Dias de Matos Veríssimo (1857-1916), figura destacada da cena literária brasileira⁴, colaborava regularmente com o *Pedagogium* e é plausível pensar que contribuiu diretamente

⁴ Vale a pena destacar que Gastão Cruls, no livro *Aparência do Rio de Janeiro*, registra que José Veríssimo podia ser visto na livraria Garnier, frequentada por “literatos” como Machado de Assis, Graça Aranha, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac (Cruls, 1952).

com a Revista, escrevendo dois artigos, um sobre o *Pedagogium* e outro sobre pedagogia, além de ter um discurso seu intitulado *A instrução secundária* publicado na Revista, assim como uma de suas lições dadas em curso ministrado no *Pedagogium* em 1896.

Veríssimo era um típico intelectual da sua época, acumulando ocupações várias e diversificadas inserções profissionais: jornalista, professor, ficcionista, educador, crítico literário, historiador da literatura brasileira, além de ensaísta e cronista. No Pará, estado em que nasceu, iniciou a sua vida de escritor e jornalista, além de ter fundado um colégio. Viajou pela Europa, participando em 1880 do Congresso Literário Internacional, em Lisboa. Em 1889 voltaria mais uma vez à Europa, participando do X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, em Paris, onde fez uma comunicação sobre o homem de Marajó e a antiga história da civilização amazônica. Em 1891 mudaria para o Rio de Janeiro, tendo sido professor de Português e de História da Escola Normal do Distrito Federal e do então Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II), dos quais também foi diretor. No Pará havia sido nomeado diretor da Instrução Pública (1880-91), no governo de Lauro Sodré. De 1892 a 1897 dirigiu o Externato do Ginásio Nacional. Ainda em 1897 ajudaria a fundar, juntamente com outros homens de letras, a Academia Brasileira (atual Academia Brasileira de Letras), cujas reuniões iniciais se fizeram na redação da *Revista Brasileira*, dirigida por Veríssimo de 1895 até 1889⁵.

Autor de uma obra considerável, escreveria um livro considerado um marco na literatura educacional do período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX: *A educação nacional*. A sua primeira edição, de 1890, seria publicada ainda em Belém do Pará. Alcançaria uma acentuada repercussão como obra de grande mérito por sua capacidade de análise das condições da educação no país. Logo após a proclamação da República, quando Benjamin Constant procedeu à reforma do sistema geral de ensino público, José Veríssimo discutiu, no *Jornal do Brasil*, no primeiro semestre de 1892, as reformas introduzidas, delas fazendo uma crítica que depois acrescentaria como Introdução à 2ª edição desse mesmo livro,

⁵ A criação da Academia foi ideia lançada por um grupo de jovens escritores, dando corpo às propostas iniciais de Lúcio Mendonça. Em 1896, sucessivos encontros na redação da *Revista Brasileira*, dirigida então por José Veríssimo, assumiram a forma de sessões preparatórias. Em 15 de Dezembro, Machado de Assis foi aclamado Presidente da Academia Brasileira de Letras, e esta teve sua Diretoria e seus Estatutos definidos em 28 de Janeiro de 1897. No dia 20 de Julho desse ano, na antiga sala do *Pedagogium*, na rua do Passeio, instalou-se oficialmente a Academia. Sem sede própria, a Academia peregrinou pelo centro do antigo Rio de Janeiro. Nessa fase, contou com a hospitalidade da *Revista Brasileira*, do *Pedagogium*, do *Ginásio Nacional*, da *Biblioteca Fluminense* e de um escritório de advocacia, onde efetuou as suas sessões até 1904 (www.academia.org.br)

publicada em 1906. Como escritor, a sua obra é das mais notáveis, destacando-se os vários estudos sociológicos, históricos e econômicos sobre a Amazônia e as suas séries de história e crítica literárias. Na *Revista Pedagógica*, aparece identificado como diretor de externato, e é nessa qualidade que tem um de seus discursos publicado.

João Kopke (1852-1926), bacharel em Direito, dedicou-se ao magistério a partir de 1878, primeiro em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1886 e fundou o Instituto Henrique Kopke, no bairro de Botafogo. Frequentado por filhos de famílias ilustres, em 1895 seria consagrado como escola padrão equiparada ao Ginásio Nacional, por decreto de Prudente de Moraes. Exerceria as funções de professor e diretor do instituto até 1897. Foi ainda em 1886 que fundou uma associação de professores no Rio de Janeiro e no ano seguinte foi designado para ocupar o cargo de membro substituto da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte.

Teve envolvimento com a causa republicana e desempenhou um papel relevante na divulgação de idéias e práticas pedagógicas tidas como modernas no período⁶. Foi autor de cartilhas e livros de leitura, sendo exatamente sobre o *Ensino da leitura analítica* os seus textos publicados na *Revista Pedagógica*. Também produziu peças de teatro e programas de rádio, além de publicar artigos em jornais e revistas, bem como traduzir textos pedagógicos. Colaborou em jornais e outras revistas pedagógicas tais como *A Eschola Pública* e a *Revista de Ensino*, ambas de São Paulo. Defendeu ideias inovadoras e pioneiras sobre o ensino da leitura pelo método analítico, entrando em confronto com professores e escritores de livros didáticos paulistas que apresentavam discordâncias em relação ao método, como J. de Brito e Ramon Roca Dordal.

Maximino de Araújo Maciel (1865 – 1923). Nascido no estado de Sergipe, iniciou os estudos superiores em São Paulo e diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro. Foi professor do Colégio Militar (lente catedrático de português desde 1893), examinador da instrução pública e, enquanto exercia essas ocupações, chegou a frequentar o 4º ano de medicina. Colaborou na *Revista Pedagógica* e, com o pseudônimo de Horatius Flaccos, nos jornais *O Dia* e *O Debate*. Também colaborou com o jornal *O Século*,

⁶ Verbete sobre João Kopke do *Dicionário de educadores no Brasil*.

do Rio de Janeiro, além de ser correspondente político do *Diário da Manhã*, de Aracaju, no Rio de Janeiro, a partir de 1915. Entre outras obras, publicou *Gramática analítica* (1887), *Filologia portuguesa* (1889) e *Gramática descritiva* (1896), obra adotada no Ginásio Nacional, na Escola Militar, no Colégio Militar e na Escola Naval.

O bacharel José Carlos de **Alambary Luz** havia sido, entre 1868 e 1876, diretor da Escola Normal de Niterói que, de acordo com Heloísa Villela, foi uma importante instituição de formação de professores no Império, exercendo grande influência nas decisões relativas à esfera educacional, uma vez que funcionava como um laboratório de práticas que eram estendidas a todo o país (Villela, 1998). Segundo a mesma autora, a gestão de Alambary Luz à frente da instituição seria marcada por uma grande preocupação em relação aos materiais e instrumentos pedagógicos, demonstrando um enorme conhecimento a respeito das inovações surgidas na Europa e nos Estados Unidos da América. Alambary Luz também havia sido inspetor de ensino e diretor de um jornal pedagógico denominado *A instrução pública* (muito provavelmente o primeiro no gênero no Brasil), editado entre 1872 e 1888 (entretanto interrompido entre 1875 e 1887), no qual também havia colaborado Felisberto de Carvalho. Na *Revista Pedagógica* teve publicado seu *Discurso proferido por ocasião da distribuição de prêmios aos alunos do 2º distrito escolar* e um artigo que versava sobre os programas de agronomia.

Antonio **Valentim** da Costa **Magalhães** (1859-1903) foi poeta, jornalista, escritor e membro fundador da Academia Brasileira de Letras⁷. Nasceu no Rio de Janeiro e cursou o ensino superior em São Paulo, onde se diplomou em 1881 pela Faculdade de Direito. Ali iniciou a sua agitada vida de escritor, boêmio e jornalista. Fundou vários jornais em São Paulo, colaborou em numerosas publicações literárias daquela cidade e do Rio de Janeiro. De volta ao Rio, já formado, ingressou no jornalismo. Dirigiu *A Semana*, cujo primeiro número surgiu em 1885, que se tornou o baluarte literário dos jovens de então. Além de literatura, o periódico fazia propaganda da Abolição e da República. Quase todos os que, mais tarde, teriam algum papel nas letras brasileiras — e que então começavam — colaboraram naquele

⁷ Também é referido como teatrólogo. O livro *O teatro no Brasil*, de J. Galante de Sousa, apresenta um verbete sobre ele dando conta das suas diversas obras (Sousa, 1960). Também Arnaldo Faro, em livro sobre Eça e o Brasil, menciona as diversas actividades de Valentim Magalhães como poeta, romancista, contista, cronista, crítico e teatrólogo (Faro, 1977).

periódico. Segundo Astrojildo Pereira, Valentim representou no seu tempo um papel de certo relevo como crítico literário (Pereira, 1949).

A sua prosa (conto e romance, particularmente) foi atribuída por Sílvio Romero ao “meio-naturalismo das cidades”. Nesse género, deixou *Quadros e contos* (1882), *Vinte contos* (1886), *Flor de sangue*, romance (1897), *Horas alegres, novelas e narrativas* (1898), entre outras. Entre suas obras de crítica e ensaísmo figuram *Escritos e escritores* (1889) e *Literatura brasileira* (1896), além de uma *Filosofia de algibeira* (1895). Como poeta, é arrolado entre os precursores do parnasianismo, em pleno período de reação contra os cânones românticos. Os seus principais títulos poéticos são *Cantos e lutas* (1879) e *Rimário* (Paris, 1900), nos quais há visíveis notas parnasianas. Teve uma conferência sua dada no *Pedagogium* publicada na Revista.

Alfredo Alexander era professor e foi identificado, quando da publicação de seu texto *Jogos ao ar livre para a mocidade brasileira*, como sendo do Conselho de Instrução Pública. Este foi um personagem sobre o qual não foram encontrados mais dados biográficos

Manoel José Pereira Frazão (1836-????), conforme nota publicada na Revista em Junho de 1893, havia sido nomeado para a Directoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, quando da extinção do Conselho Director de Instrução Primária e Secundária da Capital, em consequência da resolução do Congresso que transferira para a municipalidade os serviços da instrução primária. Escreveu alguns livros, entre os quais *Cartas ao professor da roça* (1864), *Noções de Geografia do Brasil para uso da mocidade brasileira* (1883), *Education Civique* – produto da conferência feita em Turim em 1891 nas Écoles Techniques Ouvrières Saint-Charlese, quando foi enviado em missão pelo governo brasileiro. O relatório apresentado à Inspectoria Geral de Instrução Primária da Capital Federal foi publicado em livro *O ensino público na Itália, Suíça, Suécia, Bélgica, Inglaterra e França* (1893).

Luiz Augusto dos Reis, poeta e professor, diz no seu livro *Contos e prantos* (1874) que abandonava a poesia para se dedicar ao magistério. Teve alguns de seus poemas publicados

em jornais literários da Corte. Também teve seu relatório editado em livro com o título *O ensino público primário em Portugal, Espanha, França e Bélgica* (1892)⁸.

Foram registadas colaborações vindas de outros professores, como é o caso de um texto da autoria de **Ernesto Luiz d'Oliveira**, identificado como professor normalista, e **José Nunes Ferreira da Silva**, aluno-mestre pela Escola Normal da Bahia e professor primário. Ressalte-se que **Arthur de Sá**, professor de trabalhos manuais do Colégio Menezes Vieira, foi o autor de uma tradução feita especialmente para a Revista. Apesar de terem sido consultados diversos dicionários, enciclopédias e obras raras da Biblioteca Nacional, não foi possível obter dados a respeito de tais personagens. A única informação recolhida refere-se a Arthur de Sá, encontrada na própria *Revista Pedagógica*. Em nota publicada na secção Chronica do Interior, em Junho de 1894 (n.34, 35 e 36 do tomo 6), sobre o seu falecimento, há registo de que foi um de seus mais dedicados colaboradores e professor de trabalhos manuais na 1ª Escola Pública do 2º grau da capital. Tendo estudado no Colégio Menezes Vieira, tornou-se professor daquele estabelecimento. Morreu com 29 anos.

Algumas considerações

Importa agora apresentar um conjunto de características que, do ponto de vista deste trabalho, ajudam a descrever o grupo e as relações entre indivíduos e instituições. O que se quer destacar com a reconstrução das trajetórias dos personagens é um conjunto de atividades e/ou ocupações que indiciam diversas instâncias por meio das quais aqueles indivíduos se relacionavam e em torno das quais se deu a construção de um discurso educacional em vias de especialização e o início da construção de um campo no qual se moveriam mais tarde os especialistas.

As suas trajetórias evidenciam esferas de pertença a outras *instituições*, que constituem, de acordo com a perspectiva adotada neste trabalho, as infra-estruturas organizacionais do campo educacional responsáveis pela construção de um discurso pedagógico especializado por meio

⁸ **Reis, Luiz Augusto**. O ensino público primário em Portugal, Espanha, França e Bélgica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892. 650p. Relatório apresentado à Inspeção Geral da Instrução da Capital Federal. Além de ter sido publicado em vários números da Revista, o relatório também foi publicado em forma de livro, o qual parece ter tido uma distribuição significativa, a julgar pelo fato de ter sido objeto de uma recensão muito elogiosa no periódico português Revista de Educação e Ensino.

de diversos registros – científicos, políticos, administrativos, entre outros, – presentes nesse processo.

Convém referir igualmente que as considerações feitas com base na reconstrução dessas trajetórias profissionais não almejam ser conclusivas, ao contrário, pretendem tão-somente evidenciar o conjunto de lugares, pessoas e instituições que estiveram na origem da construção do discurso pedagógico e na constituição do campo educacional. Assim, foram agrupadas as características predominantes, ou seja, as que se destacam no conjunto das trajetórias desses personagens e que ajudam a traçar uma espécie de mapa a partir do quadro apresentado a seguir.

Cabe mencionar ainda que a composição do quadro foi elaborada partir das informações que foram aparecendo em cada uma das pequenas biografias construídas com base nas várias fontes consultadas. Assim, as ocupações que figuram nas colunas são aquelas de maior recorrência no conjunto das trajetórias dos personagens. Apesar dos esforços empreendidos, algumas lacunas ficaram por preencher, fazendo com que nem todos os aspectos considerados importantes fossem evidenciados para cada um dos personagens. Desta forma, é preciso ressaltar que os espaços vazios do quadro não significam necessariamente a ausência desses sujeitos nas instâncias em questão, mas que tão-somente não foram encontrados dados que comprovassem a sua atuação, o que significa que suas atividades podem ser ainda mais abrangentes⁹.

⁹ É o caso, por exemplo, de Olavo Freire, que no quadro não aparece vinculado a qualquer participação na Imprensa geral ou de ensino, no período de existência da *Revista Pedagógica*, mas que figura como autor em outra publicação encontrada na Biblioteca Nacional denominada *A Escola – Revista Pedagógica Mensal*, publicada nos anos de 1920. No número 13 do ano de 1924, foram encontrados textos daquele autor, bem como de Francisco Roca Dordal e João Kopke, fato que faz supor uma possível participação em outros órgãos de imprensa desses personagens durante o período aqui analisado ou nos anos imediatamente posteriores à existência da *Revista Pedagógica*.

Quadro - Ocupações

| | Formação | Estrutura do <i>Pedagogium</i> | Instituições Particulares de Ensino | Prof. e/ou Diretor de Escolas Normais | Imprensa em Geral e de Ensino | Cargos na Função Pública | Associações | Prof. do Ensino Primário ou Secundário | Autores de Livros e Manuais | Realização de viagens ao exterior |
|------------------------|----------|--------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------|--------------------------|-------------|--|-----------------------------|-----------------------------------|
| M. Vieira | Medicina | X | X | | | X | X | | X | X |
| Felisberto de Carvalho | | X | | X | X | X | | X | X | |
| Olavo Freire | | X | | X | | X | | | X | |
| José Veríssimo | | | X | X | X | X | X | X | X | X |
| João Kopke | Direito | | X | | X | X | X | X | X | |
| Maximino Maciel | Direito | | | | X | | | X | X | |
| Alambary Luz | Direito | | | X | X | X | | | | |
| Valentim Magalhães | Direito | | | | X | | X | | X | |
| Alfredo Alexander | | | | | | X | | X | | |
| Arthur de Sá | | | X | | | | | X | | |
| Manoel Frazão | | | | | | X | | X | X | X |
| Luiz Augusto dos Reis | | | | | X | | | X | X | X |

Uma leitura possível permite mostrar que uma característica marcante nas trajetórias dos personagens que compõem esse grupo é o fato de cada um deles acumular diversas ocupações, desempenhando simultaneamente funções de jornalista, intelectual, professor, etc., sendo a educação entendida num sentido mais geral e abrangente.

Tais indivíduos formam um grupo preocupado com a divulgação científica, com a popularização da educação, da cultura e da ciência. Tanto é assim que escreveram para jornais, participaram de programas de rádio e de conferências populares. Chama a atenção o elevado número de indivíduos que exerceram o ofício do magistério no ensino público e que foram autores de livros e manuais de ensino. Cabe destacar igualmente que muitos deles ocuparam cargos na administração pública ligada à educação, sendo também significativo o número dos que estavam ligados à imprensa, seja a periódica educacional, seja a imprensa em geral, sugerindo a importância que esta pode ter desempenhado não apenas em termos de divulgação científica, mas no próprio processo de configuração do campo educacional.¹⁰

Finalmente, importa referir que muitos desses indivíduos viajaram, entrando em contacto com as sociedades de referência que por sua vez eles próprios trataram de propagandear. Menezes Vieira, por exemplo, foi representante da comissão brasileira de estudos no Congresso Internacional do Ensino Primário em Paris, durante a Exposição Universal de 1889. Trecho da sua obra *Excursões Pedagógicas*, publicado na *Revista Pedagógica*, apresenta as resoluções votadas naquele evento que, no seu entender, deveriam ser estudadas seriamente pelos diretores da instrução popular do Brasil (*Revista Pedagógica*, Tomo 1º, nº 1, 15/11/1890).

A visualização desses percursos pelas diversas instâncias evidenciou alguns dos locais, numa espécie de mapa de configuração do campo, por onde passaria a construção do discurso pedagógico, por meio da mobilização dos diversos registros presentes em cada um deles. Assim, percebe-se que a construção do discurso pedagógico se deu, por exemplo, no interior das instituições – particulares de ensino, com a experimentação de novos métodos; das Escolas Normais, com a discussão da pedagogia; da administração pública, no estabelecimento do sistema estatal de ensino e nas discussões do Conselho Superior de Instrução Pública –, bem como nos debates sobre a profissionalização da carreira docente

¹⁰ Sobre esse aspecto, ver trabalho no qual se menciona a aliança entre “jornalismo” e “educação”: CARVALHO & FERNANDES, 2004

entre professores públicos de ensino, sobre divulgação científica no interior das associações científicas e da imprensa e também na produção e sistematização de novos conhecimentos através da publicação de livros e manuais.

Embora a categoria de “intelectuais da educação” (Bomeny, 2001) seja normalmente usada para designar os educadores dos anos 20 e 30 do século XX, momento em que o campo da educação já começa a apresentar um corpo de profissionais especialistas, não será desprovido de propósito pensar nos personagens aqui apresentados como intelectuais, numa acepção mais alargada, de acordo com Sirinelli (1996), como os “criadores e mediadores”, produtores de bens simbólicos, responsáveis pela produção, difusão e recepção da cultura. Os indivíduos aqui apresentados, em suas múltiplas funções de jornalistas, escritores, professores, etc, organizavam-se em torno de um projeto político de transformação da sociedade pela via da educação. Tratava-se mesmo da construção de uma nova sociedade pela via da formação de um novo homem, propósito que só um projeto educativo de grande magnitude poderia propiciar.

Referências bibliográficas

- BASTOS, Maria Helena Câmara. *Pro patria laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista/SP: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.
- BLAKE, Augusto V. A. Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, 8 vol.
- BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Coleção Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org). *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CARVALHO, Luís Miguel & FERNANDES, Ana Lúcia.: *O conhecimento sobre a educação e os problemas nacionais: os Congressos Pedagógicos da Liga Nacional de Instrução (Lisboa, 1908-1914)*, Lisboa: Educa, 2004.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro – Notícia histórica e descritiva da cidade*. 2 Vol. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1952, 2ª edição.
- ENCICLOPÉDIA Brasileira. Biblioteca de Obras Subsidiárias. Índice de Biobibliografia Brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1963.
- FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, Coleção Brasiliana, V. 358, 1977.

- FÁVERO, Maria de Lourdes e BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs). *Dicionário de educadores no Brasil. Da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-Inep-Comped, 2002, 2ª edição aumentada.
- FERNANDES, Ana Lúcia Cunha.: *A construção do conhecimento pedagógico: análise comparada de revistas de educação e ensino. Brasil – Portugal (1880 – 1930)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- GUARANÁ, A. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. Edição do estado de Sergipe. Empresa gráfica editora, 1925.
- NÓVOA, António (Dir.). *A Imprensa de Educação e Ensino – Repertório Analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.
- PEREIRA, Astrojildo. Pensadores, críticos e ensaístas. In: MORAES, Rubens B. de; BERRIEN, William (Dir.). *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949.
- SIRINELLI, J-F.. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*, Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro de Teatro, 1960, Tomo II.
- VILLELA, Heloísa. A Escola Normal de Niterói sob a direção de Alambary Luz: a pedagogia tradicional era mesmo tradicional? In: *Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Vol 1. São Paulo, 1998.